

Sobre o interesse jornalístico pelo atípico

Ângela Zamin

Notas introdutórias

O presente artigo se dedica a apresentar e explorar teoricamente certa categoria de acontecimento, o “típico acontecimento atípico”. Fishman (1978), Surette (1992) e Young (2002) empregam a expressão *typical ‘atypical’ event* ao tratar de acontecimentos de natureza violenta, enquanto Grossi (1985) chama de *caso eccezionale* os eventos violentos, que geram impacto no coletivo, na opinião pública e na legitimidade das instituições. O fato de estes acontecimentos envolverem o Jornalismo em sua conflitividade é outro aspecto que os particulariza.

Por mais paradoxal que possa soar a expressão “típico atípico”, ela encerra em si o debate acerca dos acontecimentos previstos e imprevisos. Entre os primeiros estão os programados, que respondem à organização jornalística, com suas horas de fechamento e sua serialidade. Para além de inesperados, aos acontecimentos imprevisos é atribuída a capacidade de, ao irromperem, desestabilizarem o mundo vivido.¹

O Jornalismo dedica-se à “descrição das ‘descontinuidades’ (do anormal, do patológico, do novo) da sociedade e do mundo”. (Santos, 2005: 82). Se “a chave para o interesse e a qualidade de uma notícia é (...) o atípico: aquilo que surpreende, que está em contraste com a presumida ‘normalidade’ cotidiana” (Young, 2002: 189); se o “fator de imprevisibilidade norteia a produção noticiosa” (Berger e Tavares, 2010: 132), o atípico acaba por formar parte do interesse jornalístico.

O artigo reúne um apanhado das principais proposições teóricas que tiveram como orientação principal a tentativa de aprofundar a compreensão deste “típico atípico”, que, por sua excepcionalidade, possui um significativo grau de ruptura

e de revelação (Quéré, 2005). Um “típico atípico” designa um tipo particular de acontecimento por sua gravidade ou centralidade, por tocar o social, a política, a legitimação das instituições e a identidade coletiva, por ser “politicamente relevante para a dinâmica social de um determinado país”. (Grossi, 1985: 47).²

Outra característica é que atraem a atenção do Jornalismo de maneira preferencial por conjugarem uma série de elementos de interesse jornalístico, como o elevado grau de valores-notícia de seleção e construção (Wolf, 2003) – a morte, a notabilidade, o inesperado, a relevância, a infração, o conflito, a violência –; por levarem-no pelo espaço vivido, porque o seu reordenamento solicita “deslocar-se”, e por dilatarem espacial e temporalmente a cobertura quando assumidos como acontecimentos de longa duração. (Fontcuberta, 1993).

Do acontecimento

A experiência individual ou social é dominada por acontecimentos de natureza diversa, posto que o mundo está sujeito, segundo Groth (2011), à variação dos seus objetos. Alguns acontecimentos perturbam ou rompem com a ordem das coisas, modificando o estado do mundo, a seriação. Quando se produz, o acontecimento rompe com o correr das coisas “no nosso quadro experiencial”, segundo os termos de Goffman (1991), provocando descontinuidades. Logo, o sentido do acontecimento está na experiência (Babo Lança, 2005; Mouillaud, 2002; Quéré, 2005). O acontecimento não é apenas da ordem do que ocorre, mas de como ele se torna. Este “tornar-se”, que Quéré (2005) retira de Mead, implica que ao acontecer ele acontece a alguém. É porque ele afeta alguém, é suportado, suscita reações, que ele “se torna”.

O acontecimento não é o que acontece simplesmente; é aquilo que ao acontecer produz alterações significativas na realidade presente das pessoas” (Chaparro, 2001: 41). Ao atribuir sentidos aos acontecimentos, o Jornalismo coloca-se como alguém a quem o que acontece, acontece. Logo, o sentido do acontecimento está na experiência: “aquele a quem o acontecimento aconteceu, aquele que o testemunhou, aquele que o observou a distância, aquele que dele teve informação e o recebeu nas narrativas, aquele que se surpreendeu e emocionou, aquele que reagiu (Babo Lança, 2005: 93).

Nas palavras de Mouillaud (2002), não existe nada no momento do acontecimento. O acontecimento social não é um objeto acabado que se encontra em alguma parte da realidade, cujas propriedades nos são dadas a conhecer de imediato. Barbosa (2002) sugere que o acontecimento precisa ser reconhecido e manifesto. Charaudeau (2006) alude que o acontecimento torna-se acontecimento jornalístico quando alguém toma conhecimento dele. Tal transformação, ao processo *evenemential*, diz do reconhecimento e da reintegração do acontecimento em uma lógica de significação. Lana e França (2008: 1), sugerem que os acontecimentos, inicialmente sem sentido

ou sem explicação e com forte poder de afetação, acabam “sendo sedimentados na experiência dos sujeitos”.

O deslocamento do “acontecer” ao “acontecer a” sugere que o acontecimento “tem de ser compreendido no âmbito da vida” (Santos, 2005: 79). Nessa direção, Rebelo (2005) fala que assumir as fraturas geradas pelo acontecimento como nossas, por meio dos quadros de sentidos que dispomos, é auxiliar para a sua compreensão. O cotidiano se dá entre problemas, “que são e não são os nossos”, ou seja, apesar de exteriores, por um processo de naturalização, são percebidos como “nossos problemas”. (Rebelo, 2005: 57).

Os acontecimentos que perturbam a ordem das coisas são determinados *a posteriori*, quando submetidos à ordem do discurso. Em sua proposição Arquembourg-Moreau (2009) se aproxima de Deleuze (1998: 9), que toma o acontecimento como extensivo ao devir e esse, por sua vez, como coextensivo à linguagem. Charaudeau (2006: 131 [grifo no original]) compartilha esse entendimento, dado que reitera que ele não significa em si, “para que o acontecimento exista é preciso nomeá-lo”.

Do acontecimento jornalístico

O Jornalismo se abastece no acontecimento vivido e nele intervém. Logo, o acontecimento torna-se acontecimento jornalístico por uma construção discursiva que busca estabelecer o contexto da sua emergência, explicar-lhe o sentido. Segundo Verón (2002), os acontecimentos só existem na medida em que são constituídos como tal pela mídia, enquanto uma espécie de invariável que ganha existência à proporção que são elaborados pelos meios. Os acontecimentos não estão prontos em alguma parte da realidade de onde os meios os recortam simplesmente. Todo acontecimento jornalístico se constitui numa espécie de formação substitutiva, como algo que tenta se colocar no lugar de outra coisa que lhe é exterior.

Para Tuñón (1994: 58), “el acontecimiento es una realidad construida por los medios de acuerdo con las leyes de selección de actualidad del discurso periodístico”. Quéré (2005), de certo modo, relativiza essa ideia de “realidade construída” assumida por Tuñón. Em seu entendimento, os meios de comunicação são suportes da identificação e da exploração dos acontecimentos, por um lado, e “do debate público através do qual as soluções são elaboradas ou experimentadas”, por outro (2005: 22).

Outro elemento importante é o percurso que o acontecimento cumpre. O tempo do acontecimento diz respeito a características que o tornam atrativo para os meios. Sobreposta à atualidade do acontecimento (Charaudeau, 2006; Rebelo, 2006), encontra-se a atualidade jornalística, que varia segundo a periodicidade de cada meio; há, portanto, atualidades, e elas coexistem. Ela define-se, também, pela presença dos fatos no tempo. Aos acontecimentos que compreendem uma atualidade longa (Fontcuberta, 1993) o Jornalismo se dedica a publicação sucessiva e periódica da sequência dos fatos.³ Importante considerar, porém, que, ao ordenar a atualidade, o Jornalismo

delimita o “tiempo periodístico que le hace cualitativamente diferente del tiempo social y del tiempo histórico” (Borrat, 1989: 39).

Babo Lança (2005: 89) sustenta a hipótese de que a duração de dado acontecimento corresponde ao “tempo que dura o seu campo de possíveis, a modificação de situações, a provocação e a acção daqueles a quem acontece”. Já para Gomis (1987; 1991), determinados acontecimentos são mais notícia que outros justamente pela capacidade de se prolongarem no tempo e, assim, figurarem por um período maior nos meios que os recolhem. Segundo o autor, algumas ocorrências ajudam a interpretar um conjunto de fatos sucessivos e posteriores e, por vezes, modificam o seu curso. Denomina tais características como a capacidade de suscitar comentários e a de provocar novos fatos, nomeadas por Borrat (1989) de interesse jornalístico e importância histórica, respectivamente.

Por esta perspectiva, uma ocorrência no “mundo diante de si” será atualizada por mais tempo quanto mais modificar o curso dos acontecimentos, provocar consequências, prolongar-se, “revelar” os conflitos que existiam para os atores neles implicados, ao atualizar algo que havia antes, como problema. “A sua observação e interpretação ocorrem sempre numa dada situação ou campo problemático e são orientadas pela procura de respostas” (Ponte, 2005: 101).

De acordo com Quéré (2005: 71), há sempre um campo no qual é produzida a observação do acontecimento.⁴ “A observação e a interpretação de um acontecimento singular efectuam-se pois numa situação ou num campo” porque, por esta perspectiva, o acontecimento tem um poder de esclarecimento. Na apreensão do acontecimento, o Jornalismo o estabiliza. “Estabilizados, os acontecimentos podem ser (e são) infinitamente reconfigurados em novas sequencias de sentido” (Vogel, 2010: 66).

Do típico acontecimento atípico

Comumente os acontecimentos jornalísticos são divididos em previstos e imprevistos. Entre os primeiros estão os programados, que respondem ao ordenamento jornalístico, com suas horas de fechamento e sua serialidade. Eles ocupam grande parte das páginas dos jornais, porque ocorrem em maior número nos espaços da vida social, são produzidos e controlados por pessoas e instituições e permitem ao Jornalismo agendar-se. Os acontecimentos imprevistos, por outro lado, alteram os fluxos do mundo vivido ao desestabilizá-lo e, por conseguinte, se impõem a um Jornalismo que se dedica às descontinuidades do mundo (Santos, 2005) com o propósito de reordená-las.

Os acontecimentos imprevistos norteiam a produção jornalística que se utiliza de uma complexa rede informativa para que o acaso ingresse nos seus fluxos. A imprevisibilidade está no maior ou menor potencial de desorganizar a ordem

das coisas, de modificar parcelas maiores ou menores do social. Percebe-se que à desorganização impõe-se um efeito de organização, de reordenamento, tanto no “mundo diante de si”, em que as ocorrências têm existência, como no Jornalismo. Na maioria das vezes, porém, a imprevisão está mais relacionada ao momento de sua ocorrência do que a algo nunca previsto ou enfrentado pelo Jornalismo. Nesses casos, o atual tem uma relação com o presente e não com a novidade (Groth, 2011).

As catástrofes naturais, por exemplo, são enquadradas como imprevisas, mas a imprevisão está na irrupção de tais acontecimentos, no momento e lugar da ocorrência (que contemporaneamente pode ser diagnosticada pelos institutos de controle de catástrofes e de previsão climática) e em sua dimensão, e não porque seja um fato novo para o Jornalismo, embora possa ser para quem as sofre. Provocam mais ou menos estragos, geram um número maior ou menor de desabrigados, vitimam um conjunto grande ou pequeno de pessoas, mas são mais facilmente demarcáveis porque acontecimentos semelhantes os precederam.

Entre os imprevistos há acontecimentos que justapõem atualidade e novidade, essa enquanto “algo qualitativo, uma relação mental direta entre o sujeito e o objeto, o que era até o momento desconhecido” (Groth, 2011: 224). É o novo atual, ou seja, é uma novidade que está em relação com o presente do mundo. É novo tanto para quem sofre, quanto para quem o acessa, como, por exemplo, o 11 de setembro de 2001. Diariamente, pululam acontecimentos que em maior ou menor escala perturbam por sua atualidade e novidade sobrepostas.

Imprevistos, novos ou não (no sentido de novidade e não de atualidade), podem ser abarcados pela designação “típico acontecimento atípico” se ao acontecimento se justapor mais uma característica: um elevado grau de conflitividade. Aparentemente paradoxal porque parece indicar a anulação de um pelo outro, o típico diz do interesse jornalístico por “aquilo que surpreende”, que é da ordem do inesperado; enquanto o que surpreende, por sua imprevisibilidade, é atípico em meio à aparente “normalidade” cotidiana (Young, 2002). O Jornalismo constitui-se, segundo Silva e Marocco (2008, s/p), em espaço de acolhida do desvio, dos “mais distintos perigos deste mundo”.⁵ Logo, o atípico constitui-se como o típico acontecimento que interessa ao Jornalismo, que o faz trabalhar, que o move em direção à ordem, à “estabilidade”, à constância.

Típico e atípico, desmembrados, referem-se à ordem e à ruptura; justapostos, contêm, a um só tempo, o que é próprio aos acontecimentos vividos e ao Jornalismo. Os acontecimentos trazem à tona questões fraturantes, ensejando, porém, um reordenamento na ordem das coisas. É essa qualidade dos acontecimentos, a continuidade e a descontinuidade aparentemente contraditórias, a condição para a experiência social. O acontecimento “é um fenômeno de ordem hermenêutica: por um lado, ele pede para ser compreendido, e não apenas explicado, por causas; por outro, ele faz compreender as coisas – tem, portanto, um poder de revelação” (Quéré, 2005:

60). Deste modo, o acontecimento abarca a desordem e a ordem já na sua aparição. O Jornalismo, por sua vez, em direção à ordem, discursiva, ocupa-se do que está em suspensão, das descontinuidades e desordens provocadas pelo acontecimento.

“Típicos atípicos” são os acontecimentos conflituosos que se impõem como centrais num dado momento à sociedade e, por conseguinte, ao Jornalismo, porque relevantes para a dinâmica de determinado lugar, pela instabilidade que geram, pelos “problemas cujas condições determinam” (Deleuze, 1998: 59); porque justapõem uma ampla gama de critérios de noticiabilidade; porque geram uma dispersão de sentidos por microrrelatos sem começo ou fim, os acontecimentos atípicos captam a atenção do Jornalismo de maneira preferencial: levam-no a se movimentar para dar conta da conflitividade, a dilatar espacial e temporalmente a cobertura jornalística e a utilizar outras “escalas” para compor o mapa do mundo de cada dia dos noticiários.

Tais acontecimentos possuem um conjunto de características que possibilitam lê-los como atípicos. Estes pontos referem-se às características do acontecimento, que podem ser percebidas também como modos de ingresso no Jornalismo, conforme segue:

a) questões de natureza violenta (Fishman, 1978; 1983; Young, 2002; Surette, 1992; Grossi, 1985). Conflitos, terrorismo, crimes e massacres (como os de *Columbine*, EUA, 1999, e *Realengo*, Brasil, 2011) estão entre os tipos de acontecimento apontados por esses autores como típicos atípicos. Segundo Young (2002, p. 189), as ondas de crime, as “curas milagrosas” da criminalidade e as histórias trágicas são de interesse da imprensa. Fishman (1978), ao se dedicar a estudar uma série de crimes contra idosos em Nova York, afirma que esses acontecimentos resultam de uma dinâmica própria ao Jornalismo, mas que não se encerra apenas nisso e, portanto, indaga-se “¿cómo se originan estas olas de crimenes noticiables? ¿Por qué son sólo unos pocos temas criminales los que cobran magnitud hasta convertirse en esas olas de crímenes?” (Fishman, 1983: 15). Surette (1992) emprega a designação *typical ‘atypical’ event* ao examinar *hard news* e constatar que ondas de crimes violentos acabam constituindo-se em típicos acontecimentos atípicos num determinado período. Grossi (1985) adota a designação *caso eccezionale* ao tratar da violência originada em ações terroristas na Itália.

b) o impacto no coletivo, na opinião pública e na legitimidade das instituições por ser politicamente relevante para a dinâmica social. O impacto no coletivo pode ser interpretado como a individualização do acontecimento, ou seja, pelo deslocamento do que “acontece” ao que “acontece a alguém” (Quéré, 2005: 68). Babo Lança (2005: 89) sugere ser mais pertinente deter-se nas consequências dos acontecimentos que em suas causas, porque são os efeitos do acontecimento que determinam o significado que lhe é atribuído e é “em função das suas consequências que o acontecimento afecta indivíduos ou grupos que agem em resposta ao que lhe aconteceu”. Na visão de Grossi (1985, p. 49 [tradução minha]), no interior

da produção informativa, o *caso eccezionale* é “aquele tipo particular de evento que é também politicamente relevante para a dinâmica social de um determinado país, quanto a sua gravidade e/ou centralidade, envolve o problema do controle social”.⁶ Quéré (2005: 68) propõe que “a individualidade do acontecimento não é determinada, apenas, pelas características de sua ocorrência como facto, mas também pelas reacções e pelas respostas que suscita”.

c) vinculam-se aos sistemas políticos. Os típicos acontecimentos atípicos ligam-se à política institucionalizada e, por conseguinte, às fontes produzidas no interior desse sistema. Ao abordar a relação entre os sistemas político e jornalístico no interior da produção dos acontecimentos, Grossi (1985) identifica que o primeiro pode orientar em seu favor os esquemas de ordenamento dos sentidos, independentemente do grau de autonomia do sistema informativo ou da capacidade de desvendar e compreender os interesses privados e coletivos que atravessam os conflitos. A proximidade entre os sistemas político e jornalístico deve-se, ainda, à utilização prioritária de fontes e boatos oficiais. Segundo Morales (2008: 151), essas fontes modulam os tempos e o tom das informações conforme seus interesses, determinando “no sólo ‘quién’ habla sino ‘qué’ se debe decir y hasta qué límite. Es decir, tematizan la agenda y sus alcances”. Para observar essa característica é preciso ingressar na cobertura jornalística do acontecimento.

d) questões de território. A conflitividade pode orientar-se ou originar-se de disputas por território, mesmo simbólico, ou pelo uso que dele se faz (como o *Caso Angostura*, Colômbia, 2008). Ao tratar do espaço, Certeau (1994) sugere tomá-lo com o efeito produzido por um conjunto de movimentos que aí se realizam, um lugar praticado. É a ação produzida sobre os espaços que acaba por orientá-lo, circunscrevê-lo ou marcá-lo, entre outras operações. Para o autor (1994, p. 205), “a cadeia das operações espacializantes parece toda pontilhada de referências ao que produz (uma representação dos lugares) ou ao que implica (uma ordem local)”. Assim o é com uma parcela dos típicos acontecimentos atípicos, como os conflitos agrários ou de fronteira, as guerras e as ações terroristas; sugerem ações que podem ser deduzidas de uma “lei do lugar” como, por exemplo, a porosidade das fronteiras, ou de movimentos que se produzem nestes espaços ou sobre eles, como a passagem ou a invasão. Ao apresentar ou quadros ou movimentos, o território pode constituir-se como campo problemático. Apesar de se dedicar a acontecimentos oriundos da ação da máfia na Itália, Grossi (1985) não faz referência direta às questões de território, aqui consideradas centrais.

e) são gerados por campos problemáticos ao mesmo tempo em que fazem emergir outros problemas públicos. Se uma série de elementos se justapõe a outros problemas conexos levando a campos problemáticos que resultam no acontecimento, por outro lado, esse acontecimento, por sua força de revelação, faz emergir outros problemas públicos. Alguns acontecimentos estão conectados a campos proble-

máticos, a tensões histórico-sociais que determinam o “mundo diante de si”, que perduram enquanto os problemas se mantêm. A erupção destes acontecimentos dá a ver questões conflituosas já existentes. Outros acontecimentos, por sua forma, instauram campos problemáticos, iluminando, por sua vez, questões que estão em causa, “no âmbito da regulação política das condições do viver em conjunto numa colectividade” (Quéré, 2005: 72). Tais acontecimentos são o começo de algo novo, têm a dimensão “inaugural” de que trata o autor (p. 60), um “poder de abertura e de fecho, de iniciação e de esclarecimento, de revelação e de interpelação”.

Nos típicos atípicos os campos problemáticos estão presentes no antes e no depois, ou seja, conformam um acontecimento ao mesmo tempo que são conformados por ele. No sentido estrito de uma ideia de causalidade, porém, o acontecimento não é causado nem causa nada; não é localizável no início ou no final de uma cadeia linear e unilateral. O “acontecimento e aquele a quem ele acontece são, ambos, coisas que se tornam no quadro de uma transação” (Quéré, 2005: 68). Ele carrega sentidos e altera o campo de percepções daqueles a quem acontece. O poder de revelação está aí contido: o acontecimento possibilita uma alteração dos quadros de compreensão do “eu e o mundo”, como observa Groth (2011).

Configura-se assim um acontecimento que desperta o interesse coletivo, pelos sentidos que aciona e pelos que faz emergir, no sentido mesmo da visibilidade e da afetação na dinâmica social que tal ocorrência promove. O interesse coletivo liga-se ao controle, no que se refere a um reordenamento dos sentidos devido à alteração nos quadros do mundo vivido, enquanto a procura por sentidos se materializa pelas narrativas sobre o acontecimento, engendradas pelo Jornalismo. Instaurando uma nova ordem, na qual o acontecimento será inscrito, o Jornalismo se propõe a “mediação prática entre a irracionalidade do acontecimento e a racionalidade do sentido” (Ricoeur, 1989: 116).

Os media participam em alguma medida da “configuração e discussão dos acontecimentos e dos campos problemáticos a que eles se ligam” (Babo Lança, 2005: 92). É possível perceber ao observar o sistema de ingresso de determinados acontecimentos nos espaços de Jornalismo, que seu poder de revelação (Quéré, 2005) resulta de uma sobreposição: vai-se dos campos problemáticos que constituem o acontecimento ao acontecimento que revela campos problemáticos, sendo que o acontecimento é apenas um. Se de um lado torna evidente que questões conflituosas fazem emergir o acontecimento, explicado pela trama que o provocou, por um contexto predefinido ou encadeamento serial, como um ponto de chegada, de outro mostra que campos problemáticos são postos a descoberto pelo acontecimento. Ele passa a esclarecer seu contexto, torna-se começo, volta-se para o que lhe poderá seguir porque continua “a ocorrer e a singularizar-se enquanto produzir efeitos sobre aqueles que afecta. Não efeitos causais, mas efeitos na ordem do sentido” (Quéré, 2005: 67).

f) despertam a atenção dos meios de comunicação. Os típicos acontecimentos atípicos captam a atenção do Jornalismo de maneira preferencial pelo conjunto de elementos de interesse jornalístico que aportam, como inúmeros valores-notícia de seleção e construção. Antes de o acontecimento ter existência, porém, já se encontra organizada a rede informativa que permitirá que ele ingresse nos seus fluxos. Os meios estabelecem as condições da experiência “eu e o mundo” ao dimensionar o próprio mundo por meio das ordens institucional, de produção e discursiva. “Ellos se encuentran legitimados para definir qué debe tener actualidad, y qué debe carecer de ese atributo” (Rey Morató, 1988: 58).

Apesar da irrupção de uma nova ordem a partir do acontecimento, essa não pressupõe o caos, porque pelo ordenamento das coisas do mundo, realizado pelo Jornalismo, somente existe aparência de caos. Nas palavras de Rey Morató (1988: 87), “los espacios informativos crean, en su propia emisión, un ‘organismo íntimamente coherente’: allí no hay nada desprendido y aislado, y hasta la apariencia de desorden justifica y reproduce el orden”. O Jornalismo persiste como um sistema que trabalha a redução de complexidades criadas por outros sistemas ao produzir inteligibilidades para o que aparenta ser descontínuo ou desordenado; valendo-se, sempre, de seus processos de produção trata de naturalizar ou reduzir o caos daquilo que passa da realidade por seu discurso. “Tais operações são aquelas que permitem definir ora as condições de produção, ora os resultados (numa outra produção discursiva) de uma determinada leitura. Uma gramática é sempre, em outras palavras, o modelo de um processo de produção discursiva” (Verón, 2004: 51).

Importante ter em mente que as processualidades do Jornalismo objetivam ordenar o caos na realidade, no social, provocado pelos acontecimentos, ao mesmo tempo que ensejam tornar opacos tais modos de organização do mundo. Na transposição do acontecimento vivido para o acontecimento jornalístico não cabe revelar o desordenamento que o primeiro provocou no segundo, apesar de contemporaneamente o Jornalismo dedicar-se a narrar alguns destes processos. Os próprios acontecimentos impõem ordenamentos outros ao Jornalismo, especialmente sobre as esferas da produção e discursiva. Para Grossi (1985), os típicos acontecimentos atípicos são como anomalias informativas, porque assumem o caráter de eventos inquietantes.

g) o tratamento jornalístico. Os típicos acontecimentos atípicos, no interior do Jornalismo, são trabalhados de forma retrospectiva e fragmentada, por uma dispersão interpretativa, em meio a atualidade longa (Fontcuberta, 1993), própria ao acontecimento. Na esfera do Jornalismo identifica-se certa incapacidade em acessar e articular os nexos de sentido num primeiro momento; enquanto no mundo vivido verifica-se que os “típicos atípicos” se dilatam no tempo, porque estão a acontecer, se bifurcam ou se conectam a outros acontecimentos, o que provoca uma ampliação dos seus campos de possíveis (Babo Lança, 2005).

O Jornalismo se interessa pela efemeridade dos acontecimentos, uma atualidade imediata. Quando eles irrompem, contudo, não é possível definir com certeza quantos dias de cobertura serão necessários para ordenar as desordens que provocam no desenvolvimento da cotidianidade. Tampouco é possível saber se irão repercutir ou não em outros. Alguns acontecimentos, todavia, geram mais repercussões, abrindo um filão de microrrelatos, e acontecimentos, que acabam por prolongá-los por mais tempo no mesmo meio. São os acontecimentos que repercutem em outros “acontecimentos” (Gomis, 1991), quer porque dele derivam, quer porque a ele se ligam. Desse modo se estabelecem os fluxos do acontecimento de que o Jornalismo se ocupa.

Às narrativas pontuais somam-se outras, seriadas, desde analogias que remetem ao passado até antecipações que projetam o futuro. Ora, se o acontecimento continua a acontecer enquanto dura o seu campo de possíveis, é pelo acompanhamento da longa duração no tempo, todavia, que se pode identificar que pela atualidade e recorrência todos esses acontecimentos se comunicam, organizando um abrangente quadro de sentidos. Para Fontcuberta (1993: 25):

Un hecho será actualidad más tiempo cuantas más expectativas despierte o consecuencias produzca [...]. A pesar de que la actualidad inmediata sigue siendo una de las razones de ser básicas del periodismo, cada vez aumenta la coexistencia en los medios de hechos que más, que explicar la ruptura o las incidencias de una normalidad, muestran el desarrollo de la cotidianidad. En ese sentido, los medios, y en particular la prensa escrita, se dedican a analizar procesos y tendencias sociales cuya actualidad se amplía a períodos largos que ocupan meses, años o décadas.

Em consonância com essa abordagem, Tuchman (1983) explicita que o tipo de acontecimento condiciona a notícia. Os jornalistas distinguem acontecimentos em função do fator tempo em: inesperados; predeterminados (ou anunciados); em desenvolvimento e subseqüentes a outros, já noticiados, que exigem continuidade. Grossi (1985) utiliza-se da classificação de Tuchman (1983) e propõe que os “típicos atípicos” geram notícias em continuação (ou *continuing news*). Acontecimentos fortes em valor noticioso são a base de notícias em continuação, agrupadas entre as *hard news*.

À necessidade de interpretar rapidamente os acontecimentos, em razão da periodicidade de cada meio, se impõem tanto novas possibilidades de apreensão do acontecimento quanto novas ocorrências, que mantêm ou alteram os sentidos já produzidos pelo acontecimento jornalístico. Desta forma, os típicos atípicos desafiam as processualidades de produção jornalística, pela “excessiva dilatação do espaço e da atenção dada ao evento, com conseqüências para a redundância e repetição de mensagens” (Grossi, 1985: 68 [tradução minha])⁷.

h) envolvem o Jornalismo em sua conflitividade. Devido à dependência das fontes oficiais para esclarecer e ordenar os acontecimentos atípicos, uma vez que estes se ligam aos sistemas políticos e as instituições públicas, o Jornalismo acaba enredando-se na conflituosidade do próprio acontecimento (Zamin, 2013). Ao ingressar nos fluxos do acontecimento, o Jornalismo é penetrado por “explicações” que se originam nestes sistemas e organizações, dependentes “del comportamiento de personas”. (Rey Morató, 1988).

O Jornalismo é desafiado por esta complexa trama, que acaba por envolvê-lo em sua conflitividade. Zamin (2013) identifica três modos de aproximação entre o Jornalismo e o conflito: 1. pelos conflitos que o Jornalismo reconhece; 2. pelos conflitos que provoca; e 3. pelos conflitos que o envolvem. Os primeiros estão conectados com os recortes que o Jornalismo faz no acontecimento, ao deter-se em questões de natureza violenta, no uso do território, nos problemas públicos, etc. No ato de reconhecer alguns conflitos e não outros, ou fragmentos de um conflito, está contido o peso da ação jornalística, visto que é o Jornalismo que os reconhece e os recorta. O segundo refere-se aos conflitos que provoca a partir de suas escolhas e de seus modos de narrar o que é o acontecido, quer sejam interpretados como erros ou acertos na condução de tais processos. Já o terceiro alude, especialmente, à relação entre o Jornalismo e os sistemas políticos enquanto lugares nos quais o acontecimento ingressa e é interpretado. Logo, permitem perceber o papel próprio ao Jornalismo, qual seja o de construção das estruturas do conflito. Pode-se afirmar, a partir desses três eixos de análise, que o Jornalismo faz parte da circulação do conflito.

As cinco primeiras assertivas aqui apresentadas referem-se ao acontecimento vivido, enquanto as assertivas “f” e “g” dizem respeito ao seu ingresso e sua permanência nas instâncias do Jornalismo e a última aos modos como o acontecimento produzido impacta no próprio Jornalismo.

Considerações finais

Os típicos acontecimentos atípicos, pela sua elevada conflitividade, são importantes aos espaços da cotidianidade, porque impactam no social e nas instituições. Porque afetam indivíduos e coletividades, no entanto, o Jornalismo deles se ocupa. Ao recolhê-los e interpretá-los, o Jornalismo acaba, muitas vezes, por configurar-se como parte do conflito de que estes acontecimentos são portadores. Como os acontecimentos não são apenas o que ocorre, mas, especialmente, como se tornam, e para “tornar-se” carecem de esclarecimentos que chegam por meio de fontes e declarações oficiais, o Jornalismo enreda-se nestes dizeres, conflitivos, sobretudo porque os típicos atípicos ligam-se aos sistemas políticos e às instituições públicas. O Jornalismo é desafiado por esta complexa trama, que acaba por envolvê-lo em sua conflitividade.

Entre as características anteriormente atribuídas a um típico acontecimento atípico, uma delas, de certo modo, encerra em si as demais: os campos problemáticos. Nos “típicos atípicos” eles estão presentes no antes e no depois e, ainda que não sejam localizáveis no início ou no final de uma cadeia, conformam o acontecimento ao mesmo tempo que são conformados por ele. O poder de revelação (Quéré, 2005), nesses casos, está na sobreposição que provoca: vai-se dos campos problemáticos que o constituem ao acontecimento que revela campos problemáticos, sendo que o acontecimento é apenas um. Se por uma parte torna evidente que questões conflituosas levaram-no a irromper, por um contexto predefinido ou encadeamento serial, por outra evidencia que problemas públicos também são postos a descoberto quando de seu aparecimento, enquanto ponto de partida. O acontecimento esclarece seu contexto, torna-se começo, volta-se para o que lhe poderá seguir porque continua a ocorrer e a singularizar-se.

Comumente o Jornalismo estabelece um corte arbitrário no fluxo das atividades em curso no mundo cotidiano para dele ocupar-se, organizando-o e interpretando-o. Os típicos acontecimentos atípicos, por sua vez, impõem seus fluxos ao Jornalismo, no sentido de um continuar a acontecer enquanto seu campo de possíveis não se esgota. São acontecimentos que têm a capacidade de se prolongarem no tempo porque, por um lado, continuam a acontecer na medida em que afetam e são reconhecidos pelos indivíduos ou coletivos a quem acontecem; por outro, provocam repercussão, impactam no social e nas instituições públicas; e, ainda, ajudam a interpretar um conjunto de fatos posteriores, a “revelar” conflitos que existiam antes como problema para os atores neles implicados.

Ao Jornalismo cabe, inicialmente, reconhecer o acontecimento no mundo vivido e, por uma atividade semântica, interpretativa, ordená-lo. Para dar contas das afetações que um “típico atípico” provoca no mundo vivido, o Jornalismo observa seus fluxos e identifica quais microacontecimentos fazem parte de uma série. O Jornalismo o reconhece como um acontecimento de atualidade longa (Fontcuberta, 1993) à medida que se dedica a trabalhá-lo sucessiva e periodicamente, por uma dispersão interpretativa, fragmentada como o fluxo do próprio acontecimento. A narrativa jornalística engendra o tempo do acontecimento ao produzir sentidos.

Ângela Zamin

Professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Recebido em maio de 2017.

Aceito em agosto de 2017.

Notas

1. O adjetivo “vivido” é aqui empregado com referência ao factual, ao real histórico. Vivido tem o sentido de acontecimento constituído pela condensação da experiência.
2. “[...] quel tipo particolare di evento che è anche politicamente rilevante per la dinamica sociale di un determinato paese”. (Grossi, 1985: 47).
3. De um modo geral, tal divisão engloba o eixo sincrônico e o diacrônico da periodicidade jornalística (Borrat, 1989), com o último reclamando a memória histórica.
4. A expressão “campo problemático” é trazida por Deleuze (1998: 57), para quem o acontecimento “por si mesmo é problemático e problematizante. Um problema, com efeito, não é determinado então pelos pontos singulares que exprimem suas condições”. Deleuze apropria-se do “problemático” em Kant. Os acontecimentos, segundo a perspectiva deleuziana, são singularidades que se comunicam e se deslocam; cada combinação é um acontecimento e o ponto em que se comunicam é o Acontecimento.
5. Os autores tomam por referência as “heterotopias de desviação” (Foucault, 2001).
6. “Si definisce ‘caso eccezionale’ all’interno della produzione informativa [...] quel tipo particolare di evento che è anche politicamente rilevante per la dinamica sociale di un determinato paese, in quanto per la sua gravità e/o centralità, coinvolge il problema del controllo sociale”. (Grossi, 1985: 49).
7. “Una dilatazione eccessiva dello spazio e dell’attenzione assegnati all’evento, con conseguenze sulla ridondanza e reiterazione dei messaggi”. (Grossi, 1985: 68).

Referências

- ARQUEMBOURG-MOREAU, Jocelyne. O mito de Pandora revisitado. In: DAYAN, Daniel (Org.). *O terror espetáculo: terrorismo e televisão*. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 109-118.
- BABO LANÇA, Isabel. A constituição do sentido do acontecimento na experiência pública. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, 2005. p. 85-94.
- BARBOSA, Marialva. O acontecimento contemporâneo e a questão da ruptura. *Semiosfera*, Revista de Comunicação e Cultura, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, mai./2002.
- BERGER, Christa e TAVARES, Frederico M. B. Tipologias do acontecimento jornalístico. In: BENETTI, Marcia e FONSECA, Virginia. *Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 121-142.
- BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Gustavo Gili, 1989.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 12.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. *Linguagem dos conflitos*. Coimbra: Minerva, 2001.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FISHMAN, Mark. *La fabricación de la noticia*. Buenos Aires: Tres Tiempos, 1983.
- _____. Crime waves as ideology. *Social Problems*, n. 25, 1978. p. 531-543.
- FONTCUBERTA, Mar. *La noticia: pistas para percibir el mundo*. Barcelona: Paidós, 1993.
- GOFFMAN, Erving. *Les cadres de l’expérience*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1991.

- GOMIS, Lorenzo. *El medio media*. Cómo se forma el presente. Barcelona: Mitre, 1987.
- _____. *Teoría del periodismo. Cómo se forma el presente*. Buenos Aires: Paidós Comunicación, 1991.
- GROSSI, Giorgio. *Rappresentanza e rappresentazione: percorsi di analisi dell'interazione tra mass media e sistema politico in Italia*. Milano: Franco Angeli, 1985.
- GROTH, Otto. *O poder cultural desconhecido: fundamentos da Ciência dos Jornais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- LANA, Lígia Campos de Cerqueira; FRANÇA, Renné Oliveira. Do cotidiano ao acontecimento, do acontecimento ao cotidiano. *E-compós*, Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Brasília, vol. 11, n. 3, set./dez. 2008.
- MORALES, Mario. Radiografía del cubrimiento informativo de la crisis colombo-ecuatoriana. In: CHECA MONTÚFAR, Fernando (coord.). *De Angostura a las computadoras de Uribe: prensa escrita y crisis de marzo*. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2008. p. 151-176.
- MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 49-83.
- PONTE, Cristina. Media e acontecimentos (com)sentidos. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, 2005. p. 101-104.
- QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, 2005. p. 59-75.
- REBELO, José. Apresentação. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n.6, 2005. p. 17-27.
- _____. Prolegómenos à narrativa mediática do acontecimento. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 8-9. 2006. p. 55-58.
- REY MORATÓ, Javier del. *Crítica de la razón periodística*. Un análisis desde la teoría general de la información. Madrid: Complutense, 1988.
- RICOEUR, Paul. *Do texto à acção*. Porto: Rés, 1989.
- SANTOS, José Manuel. Da perca do mundo à sociedade dos (mega)acontecimentos. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6. 2005. p. 77-83.
- SILVA, Alexandre R. da; MAROCCO, Beatriz A. Murmúrios de Aion. *Tempo e Jornalismo. Verso e Reverso*, vol. 22, n. 49, ano XXII. São Leopoldo: Unisinos, 2008.
- SURETTE, Ray. *Media, crime, and criminal justice: images and realities*. Pacific Grove, California: Brooks, Cole Publishing, 1992.
- TUCHMAN, Gaye. *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.
- TUÑÓN, Amparo. El SIDA, como factor noticiable, en la construcción del acontecimiento cultural en cuatro periódicos de calidad: El País, La Vanguardia, Le Monde y The Times. In: *Anàlisi*, n.16, 1994, pp.57-87.
- VERÓN, Eliseo. *Construir el acontecimiento: los medios de comunicación masiva y el accidente de la central nuclear de Thee Mile Island*. 3. ed. Buenos Aires: Gedisa, 2002.
- _____. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.
- VOGEL, Daisi. O acontecimento no jornalismo e na arte. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia. *Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 63-76.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

YOUNG, Jock. *A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na sociedade recente*. Rio de Janeiro, Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2002.

ZAMIN, Angela. Conflitos sobre o conflito: crise colombo-equatoriana em jornais latino-americanos. *In Texto* (UFRGS. Online), vol. 28, p. 63-80, 2013.

Resumo

O presente artigo se dedica a apresentar e explorar teoricamente certa categoria de acontecimento, o “típico acontecimento atípico” – “typical ‘atypical’ event” – para Fishman (1978), Surette (1992) e Young (2002); “caso eccezionale” para Grossi (1985). Reúne um apanhado das principais proposições teóricas que tiveram como orientação principal a tentativa de aprofundar a compreensão deste “típico atípico”, a saber: a natureza violenta, o fato de impactar no coletivo, na opinião pública e na legitimidade das instituições, a ligação com os sistemas políticos, as questões de território e os campos problemáticos que faz emergir. O fato de estes acontecimentos despertarem a atenção dos meios de comunicação, reclamarem certo tratamento jornalístico e envolverem o Jornalismo em sua conflitividade são outros aspectos que particularizam essa categoria de acontecimento.

Palavras-chave

Jornalismo. Acontecimento. Revisão de literatura.

Abstract

The present article is devoted to presenting and theoretically exploring a certain category of event, the “typical atypical event” – “typical ‘atypical’ event” for Fishman (1978), Surette (1992) and Young (2002); “case eccezionale” for Grossi (1985). It compiles a collection of the main theoretical propositions that had as main orientation the attempt to deepen the understanding of this “typical atypical”, namely: the violent nature, the fact of impacting the collective, the public opinion and the legitimacy of the institutions, the connection with the political systems, the questions of territory and the problematic fields that make it emerge. The fact that these events arouse the attention of the media, claim some journalistic treatment and involve Journalism in its conflict are other aspects that particularize this category of event.

Keywords

Journalism. Event. Literature revision.